ÁREA TEMÁTICA:

( ) COMUNICAÇÃO
( ) CULTURA
( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
( ) EDUCAÇÃO
( ) MEIO AMBIENTE
(X) SAÚDE
( ) TRABALHO
( ) TECNOLOGIA

COMPORTAMENTO DE PARTICIPANTES SOBRE O ROMPIMENTO DO PRESERVATIVO DURANTE A RELAÇÃO SEXUAL

Deny Kelson Vasques Pereira[1]
Isabella Cristina Pereira Silveira[2]
Edyane Karlize Chrestani [3]
Lidia Dalgallo Zarpellon[4]
Carla Luiza da Silva[5]

RESUMO – Com o inicio cada vez mais cedo da atividade sexual entre os jovens e o aumento das relações sexuais entre a população, torna se necessário à realização de novas pesquisas para que seja feito a intervenção de novos métodos de educação em relação ao uso de preservativos na proteção contra o vírus HIV/Aids. Os objetivos do trabalho foram investigar o perfil e comportamento da população em relação ao uso de preservativos nas relações sexuais e instigar qual a atitude dos participantes frente à situação de rompimento da camisinha nas relações sexuais. O método utilizado neste trabalho foi uma pesquisa de campo de abordagem quantitativa, realizada entre os meses de Abril a Novembro do ano de 2011. Encontrou-se uma amostra de 55 pacientes, sendo 21 homens e 34 mulheres, onde foram abordadas duas questões sobre o rompimento da camisinha. Pôde-se observar que sobre essa questão, 8 participantes continuariam o ato sexual mesmo percebendo que a camisinha estaria rompida, sendo estes participantes casados ou com união estável, já sobre a questão de substituição do preservativo, 44 do total, substituiriam, estando este fato relacionado ao grau de instrução dos participantes desta pesquisa. Com este estudo observou-se que há a necessidade de enfatizar a utilização do uso do preservativo nas relações sexuais, pois essa é o único meio efetivo de prevenção contra contaminação pelo vírus do HIV/Aids, sendo necessário a realização de programas e educação em saúde pelos profissionais.

PALAVRAS CHAVE – Enfermagem, Prevenção primária, HIV/Aids.

Introdução

[1] Acadêmico de Bacharelado em Enfermagem da Universidade estadual de Ponta Grossa, apresentador, e-mail: denykelson@yahoo.com.br
[2] Acadêmico de Bacharelado em Enfermagem, da Universidade estadual de Ponta Grossa, Apresentador, e-mail: isabelavertigem@hotmail.com
[3] Acadêmico de Bacharelado em Enfermagem, da Universidade estadual de Ponta Grossa, autor, e-mail: edy-karli@hotmail.com
[4] Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa – Pr, autora, e-mail: ldzarpellon@yahoo.com.br
[5] Mestranda em Tecnologia em Saúde pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa – Pr, autora, e-mail: clsilva21@hotmail.com

Após trinta anos do primeiro caso de HIV detectado no Brasil, dados vem apontando que esta pode ser considerada como uma epidemia estável, porém a contaminação pelo vírus HIV/Aids ainda é um grande problema de saúde publica (BRASIL, 2011).

Hoje em dia, para as pessoas que mantem relações sexuais e que dependendo das condutas se expõem ao risco, o principal e único método de prevenção é o uso de preservativos masculinos ou femininos. Porém estudos mostram que a preocupação e prevalência do uso deste método tem prioridade apenas no começo dos relacionamentos sendo que com o passar do tempo os casais deixam de fazer uso do preservativo (TEIXEIRA; KNAUTH; FACHEL *et al*, 2006). Junto a isso ainda esta aliada à falta de informação que alguns grupos sociais possuem, como por exemplo, adolescente de escolas públicas (CAMARGO; GIACOMOZZI; WACHELKE *et al*, 2010), que quando comparados com adolescentes de escolas particulares encontram-se em grande desvantagem de conhecimento em relação aos métodos de prevenção e comportamentos.

Hoje se sabe que não existe mais grupos de riscos e sim alguns grupos de vulnerabilidade que podem ser infectados pelo vírus HIV/Aids (CAMARGO; GIACOMOZZI; WACHELKE *et al*, 2010). O que leva então os profissionais de saúde a investir em novas táticas para intervenção na educação da população e ainda, desmistificar o grande estigma que existia quando ocorreu a descoberta da doença, onde grande parte da população pensava que seria impossível contrair o vírus do HIV/Aids por não pertencerem aos chamados grupos de riscos, pois aos tais grupos pertenciam apenas os homossexuais e as prostitutas. No entanto, nos dias atuais, todos que mantem relação sexual sem o uso do preservativo faz parte do então chamado grupo de risco (SILVA, 2002).

Estudando o perfil de transmissão da doença, é possível detectar a presença de alguns grupos que estão mais vulneráveis a transmissão do vírus do HIV/Aids, sendo por exemplo os adolescentes o principal grupo de vulnerabilidade (SAMPAIO; SANTOS; CALLOU *et al*. 2011), devido ao inicio da relação sexual cada vez mais prematura e muitas vezes aliada a falta de conhecimento e a promiscuidade, um outro grupo de grande vulnerabilidade são as prostitutas (MOURA; OLIVEIRA; LIMA *et a,* 2010) pelo motivo do sexo e a promiscuidade fazerem parte da vida destas mulheres.

Outro perfil epidemiológico que vem aumentando na transmissão do vírus é a contaminação dos grupos de idosos que estão presentes estatisticamente cada vez mais nas pesquisas realizadas (RODRIGUES; PRAÇA, 2010), isso devido aos novos fármacos disponíveis no mercado, aliado ao aumento da expectativa de vida da população e a falta de intimidade com o uso de preservativos, na maioria dos casos devido à falta de informação.

Apesar de vários estudos mostrarem que é necessário a intervenção com novas políticas públicas para a redução dos casos de HIV/Aids, tem-se observado que no Brasil as principais formas de conscientização em massa ainda é deficitária, o que acaba ocorrendo quase que exclusivamente apenas uma vez ao ano, em época de carnaval que é quando o Ministério da Saúde faz a divulgação de propagandas, sobre o uso de preservativos para a prevenção do HIV/Aids, sendo que no restante do ano políticas como a de propagandas televisivas, que atingem a população em massa, acabam ficando esquecidas.

Mediante a isso, torna-se necessário a educação da população pelos profissionais da área de saúde e ainda a produção de novas pesquisas, como a que realizamos, para que então seja usada como base para novos estudos e novas políticas de prevenção do vírus HIV/Aids.

Objetivos

Investigar o perfil e comportamento da população em relação ao uso de preservativos nas relações sexuais.

Instigar qual a atitude dos participantes frente a situação de rompimento da camisinha nas relações sexuais.

Metodologia

Este trabalho apresenta uma abordagem quantitativa de campo, realizada durante a execução do, projeto de extensão (Enfermagem na busca e prevenção do HIV/Aids), com pessoas de ambos os sexos, abordados no Campus de Uvaranas na Universidade Estadual de Ponta Grossa – Pr, nos meses de Abril a Novembro de 2011.

A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas, sendo este aplicado pelos acadêmicos, que por meio desse se conseguiu levantar informações importantes sobre o perfil dos pacientes atendidos, o que possibilitou não só conhecer a individualidade de cada pessoa, mas também mensurar estratégias diante dos dados analisados da

coletividade.

Para a coleta de dados, foram ofertados pelos acadêmicos, a todos os participantes a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os aspectos éticos foram respeitados conforme Resolução (196/96).

Como amostra dessa pesquisa, obteve-se um total de 55 participantes, sendo esses de ambos os sexos, para essa pesquisa, os participantes deveriam ter como critério de inclusão: vida sexual ativa.

Resultados

Foram entrevistados 55 participantes entre homens e mulheres que responderam as seguintes perguntas em relação ao rompimento do preservativo no momento da relação sexual: Se continuariam transando ou se substituiriam o preservativo e continuariam a ralação, também foi questionado o nível escolar, situação conjugal e idade dos participantes.

Quando foram questionados com as duas perguntas em relação ao rompimento do preservativo, encontrou-se a seguintes respostas abaixo:

Tabela 1 – Participantes que continuariam a relação sexual independente da situação.

	Continuaria Transando					
Genero		**Situação Conjugal**		**Nivel Escolar**		**Variação de Idade**
Masculino	7	Solteiros	2	Ens. Fund. Completo	2	21 aos 62 anos
feminino	4	Casados	5	Ens. Fund. Imcompleto	0	
		União Estavel	3	Ens. Méd. Completo	3	
		Divorciado		Ens. Méd. Imcompleto	0	
		Viuvo	1	Ens. Sup. Completo	2	
		Não Respoderam		Ens. Sup. Incompleto	3	
		Outros		Pós Graduação	1	
				Não Responderam	0	
Total	11		11		11	

Fonte: Projeto de extensão UEPG – Enfermagem na busca e prevenção do HIV/Aids, 2011.

Em relação às 11 pessoas do total dos entrevistados que responderam continuar a relação sem haver preocupação com o rompimento do preservativo, acreditasse que esta atitude dos participantes pode estar relacionada com o fato da maioria deles estarem em uma relação estável, pois 8 dos 11 participantes questionados, ou são casados ou estão em um relacionamento estável, o que os levam a entenderem que não haveria risco em continuar a relação sem que seja feito a substituição do preservativo rompido por outro novo, pois acreditam na confiança e fidelidade que um relacionamento estável deve ter (SILVA, 2002). E que sendo assim não haveria risco de contaminação pelo vírus do HIVAids.

Pode ainda estar ligado ao mesmo fato, acreditasse ser motivo da resposta dos dois solteiros e um viúvo que responderam que continuariam a relação sem a substituição do preservativo, onde há evidências que tal comportamento esta relacionado com a falta ou pouca informação que ainda acomete parte da população em relação ao HIV, junto ainda a pouca percepção da gravidade da doença (FERREIRA, 2008).

Sobre o outro questionamento realizado aos participantes, quando questionado se na relação sexual eles realizariam a substituição do preservativo rompido para a continuidade da relação sexual, obteve-se as seguintes respostas abaixo:

Tabela 1 – Participantes que substituiriam o preservativo para a continuidade da relação

sexual preservando a relação.

Fonte: Projeto de extensão UEPG – Enfermagem na busca e prevenção do HIV/Aids, 2011.

Substituiria o Preservativo e Continuaria a Relação						
Genero		**Situação Conjugal**		**Nivel Escolar**		**Variação de Idade**
Masculino	14	Solteiros	22	Ens. Fund. Completo	1	15 aos 56 anos
feminino	30	Casados	14	Ens. Fund. Imcompleto	0	
		União Estavel	5	Ens. Méd. Completo	8	
		Divorciado	1	Ens. Méd. Imcompleto	4	
		Viúvo	0	Ens. Sup. Completo	4	
		Não Responderam	1	Ens. Sup. Incompleto	19	
		Outro	1	Pós Graduação	5	
				Não Responderam	3	
Total	44		44		44	

Em relação aos participantes que responderam fazer a substituição do preservativo para continuarem a relação, sendo estes a maioria, 44 pacientes da nossa amostra de 55 pacientes. Tal fato esta ligado ao nível escolar que essa população possui, pois 23 pessoas desta amostra cursaram ou ainda estão cursando o ensino superior e 8 pessoas possuem o ensino médio completo, sendo assim mais da metade da nossa amostra, é composta por pessoas com um bom nível escolar. Pois quando comparados estes com uma população com menos instrução escolar e nível intelectual, os com maior nível escolar se sobressaem no quesito conhecimento, conscientização e práticas de prevenção em relação ao uso do preservativo na proteção conta o vírus HIV/Aids (RIBEIRO; SIMÃO; CAETANO *et al*, 2010).

O fato de obtermos estas respostas, ainda pode estar ligado aos programas de conscientização como, por exemplo, a educação em saúde (PEREIRA; VIEIRA; FILHO, 2011) realizado pelos profissionais da saúde.

Conclusão

O estudo que realizamos nos mostrou que é de suma importância a realização de programas educacionais e novas medidas de intervenção junto à população, para que estes entendam a importância do uso do preservativo em suas relações sexuais e que usando o preservativo, será a única maneira de se protegerem da contaminação pelo vírus do HIV/Aids.

E que ainda os profissionais da área de saúde assim como os programas governamentais precisam ter uma atenção especial com os jovens que estão iniciando sua atividade sexual e com os idosos que estão cada vez mais ativos sexualmente, porém sem a informação necessária para se protegerem contra o vírus do HIV/Aids.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais/SVS/MS. **Epidemia estabilizada e concentrada em populações de maior vulnerabilidade.** Resumo analítico dos Dados do Boletim Epidemiológico. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

CAMARGO, B.V.; GIACOMOZZI, A.I.; WACHELKE, J.F.R.; AGUIAR,A. Relações Amorosas, Comportamento Sexual e Vulnerabilidade de Adolescentes Afrodescendentes e Brancos em Relação ao HIV/aids. **Saúde Soc**. v.19, supl.2. p.36-50, 2010.

FERREIRA, M.P. Nível de conhecimento e percepção de risco da população brasileira sobre o HIV/Aids, 1998 e 2005. **Rev Saúde Pública**. v. 42 (Supl 1). p.65-71, 2008.

MOURA, A.D.A.; OLIVEIRA, R.M.S.; LIMA, G.G.; FARIAS, L.M.; FEITOZA, A.R. O Comportamento de Prostitutas em Tempos de Aids e Utras Doenças Sexualmente Transmissíveis: Como Estão Se Prevenindo? **Texto Contexto Enferm.** v.19, n.(3). p.545-53. Jul-Set, 2010.

PEREIRA, A.V.; VIEIRA, A.L.S.; FILHO, A.A. Grupos de educação em saúde: aprendizagem permanente com pessoas soropositivas para o HIV. **Trab. Educ . Saúde**, v.9 n .1. p.25 – 41. Mar-jun, 2011.

RIBEIRO, P.M.; SIMÃO, A.B.; CAETANO, A.J.; LACERDA, M.A.; TORRES, M.E.A. Perfis de Vulnerabilidade Feminina ao HIV/aids em Belo Horizonte e Recife: comparando brancas e negras. **Saúde Soc**. v.19, supl.2. p.21-35, 2010.

RODRIGUES, D.A.L.; PRAÇA, N.S. Mulheres Com Idade Igual ou Superior a 50 Anos:
Ações Preventivas da Infecção Pelo Hiv. **Rev Gaúcha Enferm.** v. 31, n. (2). p.321-7. Jun, 2010.

SAMPAIO, J.; SANTOS, R.C.; CALLOU, J.L.L.; SOUZA, B.B.C. Ele não Quer com Camisinha e eu Quero me Prevenir: exposição de adolescentes do sexo feminino às DST/aids no semi-árido nordestino. **Saúde Soc.** v.20, n.1. p.171-181, 2011.

SILVA, C. G. M. O significado de fidelidade e as estratégias para prevenção da Aids entre homens casados. **Rev. Saúde Pública**; v.3 (Supl4). p. 40-9. 2002.

TEIXEIRA, A. M. F. B.; KNAUTH, D. R.; FACHEL, J. M. G.; LEAL, A.F. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. **Cad. Saúde Pública**. v.22, n. 7. p.1385-1396. Jul, 2006.